

MARIA CRISTINA SOARES

Comparação da evolução do futebol para homens e mulheres



CURITIBA

2001

MARIA CRISTINA SOARES

Comparação da evolução no futebol para homens e mulheres

Monografia apresentada como requisito parcial do Curso de Licenciatura em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Sergio Gregório da Silva

CURITIBA
2001

RESUMO

Neste trabalho, estão expostas as comparações fisiológicas, de treinabilidade, culturais e psicológicas entre homens e mulheres, que possam influenciar no futebol.

As opiniões dos autores estão difusas, o que demonstra que não há mais certezas nesse assunto. Aquela idéia de que a mulher era inferior está sendo contestada com estudos que procuram demonstrar que as diferenças fisiológicas que desfavorecem as mulheres estão sendo compensadas por elas enfatizando outras qualidades.

Os estudos estão provando que o atraso feminino que existe no esporte se deve muito mais a falta de incentivo para a prática do que por ineficiência das atletas .

O presente trabalho, pretende defender que a evolução do futebol feminino depende de uma conscientização da sociedade de que a mulher não é inferior ao homem para a prática do esporte .

DEDICATÓRIA

Dedico esse estudo a todas as mulheres praticantes do futebol que vêm sofrendo com o preconceito e a falta de estímulo para continuar neste esporte.

Dedico a todos os meus amigos que sempre me ajudaram e que acreditam no meu crescimento profissional.

Não poderia deixar de dedicar a minha família por seu apoio, compreensão e paciência, que me deram suporte psicológico para realizar minha graduação.

E a todos os meus colegas, professores e funcionários do Departamento de Educação Física.

Principalmente ao Juliano pelos anos de amor dedicados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me resgatar em meus momentos desesperançosos.

Agradeço a minha família, Vó Adayr, tios e tias, primos e primas, ao meu afilhado Renan, os quais proporcionaram momentos de descontração que mantiveram meu equilíbrio. Principalmente a minha mãe, a minha irmã, ao meu irmão Luciano, aos meus cunhados - Angelo e Karime – minha tia Silvia, que sempre estiveram ao meu lado. Especialmente ao meu pai, sua esposa e meu irmão Cauã que mesmo de longe sempre estiveram presentes.

A todos os professores com quem tive oportunidade de aprender, desde o início de minha vida estudantil até o presente momento.

A todos os meus amigos.

E aos mais que amigos: Juliana Kuriu, Keka, Pati, Juzinha, Thales, Blinder, Maurílio, Osiris, Nobre, Lipe, Wagui, Fukuda, Marina, Helida, Fábio, Cícero, Elisandro, Marcelo, Murilo, Leandro, Nádia, Lu, Fábio Jóia, Bonatto, Lúcio, Bárbara, Carol, Su, Pedrão, Marlus, Sapo.

Aos colegas da turma “T”.

E finalmente ao meu Amor por toda sua dedicação, paciência e confiança em meu potencial.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	0
1.1.0 PROBLEMA E SUA IMPORTÂNCIA	0
1.2 OBJETIVOS	1
1.2.1 OBJETIVO GERAL	1
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	1
2. REVISÃO DE LITERATURA	2
2.1. DIFERENÇAS ENTRE OS SEXOS NO FUTEBOL	2
2.1.1 Diferenças fisiológicas	2
2.1.2 Diferenças culturais.....	6
2.2.2 Diferenças das condições financeiras	11
2.3 FUTEBOL FEMININO PERANTE A SOCIEDADE.....	13
2.3.1 O futebol feminino luta por seu lugar	13
2.3.2 Visão da sociedade.....	14
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
4. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	20
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22

INTRODUÇÃO

1.1O Problema e sua importância

“O futebol continua sendo a grande paixão do brasileiro”. Essa é a frase mais pronunciada no Brasil quando o assunto é esporte, mas ela tem um pequeno erro em sua composição, o correto seria dizer que o futebol masculino é a grande paixão do brasileiro.

Quando se pensa em futebol, está se considerando aquele praticado por homens, tanto que quando se refere ao esporte de uma forma geral deve-se especificar que trata-se do masculino e do feminino. Não se pode negar que a influência do desporto quando praticado por homens é muito maior do que pelas mulheres. Atualmente as mulheres têm conquistado aos poucos seu espaço mas ainda há por parte da mídia e espectadores muita resistência para assistir uma partida de futebol feminino e não podemos negar que o futebol masculino aparenta ser mesmo mais dinâmico (mais disputado em cada lance), basta agora descobrir se isso se deve à discriminação, diferença de performance ou à qualidade de amadorismo do futebol feminino.

Esse trabalho, não pretende tratar novamente somente da discriminação da mulher nos esportes, mas sim, da diferenciação da evolução da performance entre homens e mulheres num mesmo esporte. É importante para o trabalho fazer essa diferenciação pois está fundamentado em que, provavelmente, o preconceito não seja o único fator que faz com que o futebol feminino seja menosprezado no Brasil. Sem uma visão feminista, o trabalho poderá identificar diferenças em termos fisiológicos, culturais estruturais e financeiros do futebol feminino e comparar com o masculino para que a discussão sobre essa diferenciação se sustente menos em teoria e mais em identificação prática das diferenças de performance reais.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Comparar a situação atual do futebol masculino e feminino.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Comparar as diferenças sexuais fisiológicas e culturais entre homens e mulheres no futebol.
- Comparar as condições estruturais e financeiras na prática do futebol profissional de ambos os sexos.
- Verificar o conceito de futebol feminino perante a sociedade brasileira e suas conseqüências.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. DIFERENÇAS ENTRE OS SEXOS NO FUTEBOL

2.1.1 Diferenças fisiológicas

A maioria dos estudiosos evidencia o fato da mulher não alcançar os mesmos níveis técnicos do homem e justificam esse fato nas condições fisiológicas da mulher. As diferenças fisiológicas são importantes neste estudo para identificar se a mulher é menos capacitada do que o homem para a prática do futebol.

Ghorayeb(S/D) entre outros autores como Weineck(1991), apóia sua teoria de que a mulher é desfavorecida tanto no fator estrutural como no fator fisiológico nas atividades que envolvem força. A desvantagem da mulher em força em relação ao homem deve-se ao fato de seus músculos serem menores. Além dessa diferença importante entre os sexos ainda existe um fator determinante relacionado à captação do oxigênio que pelas mulheres é menos eficiente já que seu número médio de hemácias em repouso é menor do que dos homens. Ainda se tratando das diferenças fisiológicas que favorecem os homens, temos a maior massa do coração masculino em relação ao feminino o que acaba gerando uma maior força contrátil por parte do coração do homem e volume sistólico suficiente com frequência menor economizando assim energia para realizar o mesmo trabalho. Segundo Klafs(1981, p.8)“ *a taxa metabólica da mulher é significativamente menor que a do homem em todas as idades. É provável que a maior proporção de tecido adiposo em relação a massa corporal magra seja responsável em grande parte por esse fato. O tamanho ligeiramente menor da mulher constitui outro fator.*”

Segundo Campos (1987) se essas diferenças forem corrigidas em relação ao tamanho corporal, se reduzirão mas não serão eliminadas. Com relação à treinabilidade o autor afirma não ter diferenças entre homens e mulheres.

Weineck(1991) defende que a capacidade de treinabilidade dos músculos da mulher é menor devido ao número reduzido de fibras musculares e menor produção do hormônio testosterona em relação ao homem. A treinabilidade dos músculos das extremidades no corpo feminino é menor que no masculino(Hettinger,1972, p.142 e 144). As mulheres são desfavorecidas em relação aos homens para qualquer tipo de força mas a diferença maior é notada na força máxima e a menor diferença é na força de sprint. A velocidade alcançada pela mulher é menor do que a pelo homem e o grande diferencial para esse fato ocorrer é a força, já que os outros fatores que influenciam na velocidade como coordenação, tempo de reação, frequência de movimentos e a atuação neuromuscular são semelhantes.

“O homem possui maior percentual de testosterona (principal hormônio anabólico) em seu corpo em relação a mulher, sendo o responsável direto pela hipertrofia” (Camaval,1995,p.97). Em média em relação a todos os grupos musculares, a mulher possui aproximadamente 70% da força apresentada pelos homens.(Hollmann & Hettinger,1989). Para Anderson citado por Monteiro(1997) e Smith et Alli(1997) as diferenças da força relativa dos membros inferiores entre homens e mulheres são mínimas,quando comparadas com os membros superiores.

Griffin (1997 p 867) revela que a média das mulheres adultas em altura e peso são menores que os homens de mesma faixa etária. O sexo feminino tem membros mais curtos e superfície articular menor, o que acaba acarretando em uma menor potência em arremessos, chutes e lançamentos. A autora lembra ainda que os ombros da mulher são mais

estreitos e o tórax menor do que os dos homens mas têm quadril e abdômen mais largos. A proporção dos membros inferiores em relação ao peso corporal é menor do que a dos homens, fazendo com que nós mulheres tenhamos centro de gravidade mais baixo do que eles, por essa razão, temos mais estabilidade.

Concordando com Klafs (1981, p.8), Griffin (1997) afirma também que a massa muscular da mulher em relação ao seu peso corporal é menor em relação aos atletas do sexo masculino com as mesmas condições de treinamento e condicionamento.

Griffin(1997), lembra da diferença da gordura corporal entre os sexos a qual os autores Ferreira & Böhme (s/d) provam que não há influência no desenvolvimento motor das crianças de ambos os sexos, constataram diferenças entre os sexos na variável adiposidade subcutânea geral, superior para o sexo feminino, e nas variáveis flexão e extensão dos braços e salto em distância parado, superior para o sexo masculino. O resultado dessa análise indicou similaridade entre os sexos na relação entre adiposidade subcutânea geral e os dois testes de desenvolvimento motor. Concluiu-se que a adiposidade corporal foi inversamente relacionada ao desenvolvimento motor. No entanto, essa variável biológica parece contribuir de modo pouco significativo para explicar as diferenças sexuais no desenvolvimento motor de crianças em tarefas que envolvem o deslocamento do corpo todo.

Griffin(1997), também descreve sobre as diferenças das condições cardíacas entre os sexos, devido ao menor tamanho e volume do coração feminino, o rendimento de cada batida é menor, tendo que aumentar o número de batidas para compensar, esses fatores fazem com que o rendimento cardíaco feminino seja 30 % menor do que do homem. A pressão sistólica também é menor em relação a dos homens e os homens ainda têm 6% a mais de hemácias, de 10 a 15% a mais de hemoglobina por

100 cc de sangue do que as mulheres, isso significa maior capacidade de transporte de oxigênio. Falando de oxigênio, o homem tem também mais capacidade vital do que a mulher, que é a capacidade de concentrar maior volume de ar possível dos pulmões na maior inspiração e expiração possível. O volume residual também é menor na mulher, esses dois fatores respiratórios fazem com que a capacidade total dos pulmões das mulheres seja também menor. O VO_2 max é cerca de 28% menor nas mulheres depois da puberdade (antes é praticamente igual) ainda que se meça o VO_2 max em relação à massa magra haverá uma diferença de 15% a 25% em vantagem para os homens.

Weineck (1991) mostra que até a puberdade ambos os sexos têm a mesma capacidade física, então é a partir dos onze aos treze anos para meninas e dos treze aos quinze anos para os meninos, que aparecem as principais modificações que diferenciarão as potencialidades físicas para o desempenho esportivo de homens e mulheres. Na criança e no adolescente o metabolismo basal é acelerado pois o organismo está em crescimento e expansão de suas funções também por isso a sua necessidade de nutrientes é muito maior.

A principal mudança que ocorre no período da puberdade para todo ser humano é a que se refere aos hormônios, a melhor performance dos homens em qualquer esporte se deve principalmente ao seu nível de testosterona aumentar em até 10 vezes em relação à pré-puberdade (Reiter/Root 1975,128) o que aumenta sua massa muscular significativamente e conseqüentemente sua força. Já as mulheres têm um aumento de hormônios estrógenos, que não têm a influência anabólica como a testosterona para os músculos.

Fica provado que as diferenças fisiológicas podem influenciar mas provavelmente não é o grande diferencial na comparação da performance entre homens e mulheres. Os estudos mostram que na época da formação

do acervo motor ambos os sexos estão equiparados e as diferenças que surgem depois podem ser compensadas com outras qualidades físicas.

2.1.2 Diferenças culturais

A criação cultural pode ser a grande diferença entre a performance do homem e da mulher no futebol pois quanto mais tarde se inicia uma atividade e quanto menos incentivo o praticante recebe mais difícil fica obter um nível técnico profissional.

Alguns autores como Sousa & Altmann(1999) afirmam que as diferenças sexuais são influenciadas por outros fatores como a cultura:

” Se os corpos assumem a organização social, a política e as normas religiosas e culturais, também é por seu intermédio que se expressam as estruturas sociais. Assim, há uma estreita e contínua imbricação entre o social e o biológico, um jeito de ser masculino e um jeito de ser feminino, com atitudes e movimentos corporais socialmente entendidos como naturais de cada sexo (Connel 1990). Portanto, o processo de educação de homens e mulheres supõe uma construção social e corporal dos sujeitos, o que implica - no processo ensino/aprendizagem de valores - conhecimentos, posturas e movimentos corporais considerados masculinos ou femininos. E, nesse sentido, praticamente, todo movimento corporal é distinto para os dois sexos: o andar balançando os quadris é assumido como feminino, enquanto dos homens espera-se um caminhar mais firme (palavra que no dicionário vem associada a seguro, ereto, resoluto - expressões muito masculinas e positivas), o uso das mãos [...], o posicionamento das pernas ao sentar, enfim, muitas posturas e movimentos são marcados, programados, para um e para outro sexo. (Louro 1992, pp. 58-59) “

Alerta Kunz (1993), em estudo sobre a construção histórico-cultural dos estereótipos sexuais, no contexto escolar, a educação física constitui o campo onde, por excelência, acentuam-se, de

forma hierarquizada, as diferenças entre homens e mulheres.

Na visão da autora Scott(1995, p.89), o gênero, ao privilegiar o caráter social das divisões baseadas no sexo, possibilita perceber as representações e apresentações das diferenças sexuais. Ressalta, ainda, que junto às diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres estão outras social e culturalmente construídas.

Dessa maneira, a ênfase dada pelo conceito de gênero à construção social das diferenças sexuais não se propõe a desprezar as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, mas considera que, com base nestas, outras são construídas. Nesse sentido, Bourdieu (1995) lembra que o mundo social constrói o corpo por meio de um trabalho permanente de formação e imprime nele um programa de percepção, de apreciação e de ação. Nesse processo, as diferenças socialmente construídas acabam sendo consideradas naturais, inscritas no biológico e legitimadoras de uma relação de dominação. Essas idéias são reforçadas por Bordo (1997, p. 20), ao afirmar que "por meio da organização e da regulamentação de nossas vidas, nossos corpos são treinados, moldados e marcados pelo cunho das formas históricas predominantes de individualidade, desejo, masculinidade e feminilidade".

Também Louro lembra que, se em alguns componentes curriculares a constituição da identidade de gênero parece, muitas vezes, ser feita por meio de discursos implícitos, nas aulas de educação física esse processo é, geralmente, mais explícito e evidente. Ainda que várias escolas e professores/as venham trabalhando em regime de co-educação, a educação física parece ser a área onde as resistências ao trabalho integrado persistem, ou melhor, onde as resistências provavelmente se renovam, a partir de outras argumentações ou de novas teorizações. (1997, p. 72)

Essas resistências vêm se mostrando constantes ao longo da história dessa disciplina na escola brasileira, fortemente vinculada à biologia e ao positivismo, como apontam diversas autoras, dentre as quais Soares (1994) e Gomes (1998).

Como afirma Louro (1997), modificar as regras do jogo pode representar uma forma de ajustar o jogo à "debilidade" feminina, mais uma vez consagrando-se a idéia de que o feminino é um desvio construído *com base* no masculino. Além disso, a exclusão é aí tratada como unicamente de gênero, e aqueles meninos excluídos com as regras oficiais continuam a enfrentar o mesmo problema quando as regras são adaptadas. São inúmeros os conflitos e as dificuldades dos educadores no enfrentamento das questões de gênero presentes na cultura escolar, especialmente nas aulas de educação física, pois se trata de valores e normas culturais que se transformam muito lentamente, tudo isso baseia a explicação do porquê do futebol feminino ainda ser marginalizado.

2.2 COMPARAÇÃO DAS CONDIÇÕES ESTRUTURAIS E FINANCEIRAS NA PRÁTICA DO FUTEBOL PROFISSIONAL DE AMBOS OS SEXOS.

2.2.1 Diferenças das condições estruturais

Quando se compara as condições estruturais do futebol feminino e masculino pode-se concluir que deve haver influência deste fato para a falta de popularidade deste esporte em sua versão feminina.

Dados da federação portuguesa de futebol (1996) demonstram que desde a época do primeiro campeonato lá realizado o número de atletas cresceu, mas ainda não se compara aos números masculinos. No campeonato de 1989/90 o número de atletas inscritas era de 395, em

1993/94 foi registrado um número de 559 participantes e os últimos registros que foram do ano de 1995/96 mostram um crescimento para 636 inscritas. Levando em consideração os anos comparados com os números não podemos dizer que o aumento das inscritas seja significativo.

Têm-se notado o esforço de alguns para popularizar o futebol feminino, mas para muitos o futebol ainda é esporte para homens, quem comenta é Crepaldi(2001). A autora lembra que no ano de 1999, a seleção americana feminina conquistou as capas das revistas Time Newsweek, People e Sports Illustrated, não só porque se tornou campeã mundial num esporte que comum entre novas gerações dos subúrbios americanos, mas porque era um time de mulheres. Também receberam destaque por serem mulheres, as árbitras argentinas, uma atuando como juíza (Florenca Romano) e duas como bandeirinhas (Alejandra Cercato e Elvia Maldonado) estavam encarregadas de apitar uma partida de futebol masculino: Atlanta x Argentino de Quilmes como nos relata Bochichi(2000), que prossegue dizendo que apesar do boicote de machistas e não tendo seu progresso estampado na mídia, a evolução da modalidade no campo feminino e de seus profissionais envolvidos.

As mulheres prosseguem conquistando seu espaço, como aconteceu na Inglaterra quando Wendy Toms era apontada como bandeirinha para uma final de torneio entre Leicester City e Tranmere Rovers, dia 27 de fevereiro de 2000, no famoso estádio de Wembley. Porém estes fatos isolados, não sacramentam a afirmação das mulheres nesse esporte tradicionalmente masculino, mas sem dúvida abrem portas para ascensão do sexo feminino nesta modalidade.

Ainda tratando da dificuldade da inserção feminina neste esporte, citada por Bochichi et Alli(2000), Tann-Darby ressalta, na revista *Women Soccer World* os aspectos filosóficos e políticos do futebol feminino, que, embora enfocando a situação do esporte e da sociedade na sua pátria,

acreditava refletir a situação de todos os outros países, ainda que os EUA se encontrem uma década adiante no desenvolvimento social deste esporte. O artigo tratava do fato das equipes femininas na maioria absoluta serem treinadas por homens, quando na opinião da treinadora esses cargos deveriam ser ocupados exclusivamente por mulheres. A autora demonstrava indignação ao lembrar que na copa de 1999 somente duas equipes eram treinadas por mulheres, mesmo assim representam uma possível conquista futura.

Bochichi(2000) baseando-se em estudos de Tann-Darby, escreve sobre a diferença de se ter treinadores homens ou mulheres, para ambas, não existe diferenças na abordagem do jogador masculino ou feminino nem no ponto de vista técnico (Biomecânico) e nem no da forma física (Fisiologia), pois a jogadora internacional trabalha com programas de treinamento fisiológico orientados pelos mais importantes cientistas de esporte da atualidade, e sua performance é equiparada à dos atletas masculinos – tanto nos testes de aeróbia como nos saltos verticais. A grande diferença está no psicológico no qual se evidencia a superioridade do treinamento feminino de atletas femininas.

Os treinadores homens por seu autoritarismo tradicional poderiam assustar a jogadora adolescente inexperiente, já que este geralmente pouco se importa com a pessoa. O treinamento feminino vem evoluindo com programas educacionais mais aprimorados, e a orientação à pessoa é mais valorizada que a tarefa. “ Neste estágio, a jogadora deve estar envolvida no processo de tomar decisões, de sentir que ela pertence ao mundo do futebol. De fato, ela deve sentir que este é um jogo dela, não que ela seja uma mulher praticando um esporte masculino.”(Tann-Darby, apud Bochichi 2000).

Bochichi(1996), cita outra invasão feminina no esporte: As repórteres femininas que não se confundem com regras de impedimento,

regulamentos e pontuações ao contrário do que o machismo afirma. Um exemplo da conquista deste espaço é Simone Lopes, de 29 anos, jornalista da TV Cultura, cobre futebol há quatro anos., ela esteve com as jogadoras da seleção brasileira durante a época de preparação para a Olimpíada e conta que as atletas são mais solícitas e fáceis de contatar e que um dos maiores problemas dos craques do Brasil são suas mulheres ciumentas que dificultam o contato.

A condição estrutural do futebol feminino, principalmente para o treinamento, é um fator que torna sua prática dificultada e comparada ao futebol masculino pode-se verificar o quanto as mulheres ainda podem evoluir neste esporte.

2.2.2 Diferenças das condições financeiras

O Futebol Feminino é, atualmente, uma modalidade que se depara com problemas, que vão desde os financeiros aos da aceitação social. Seus salários estão longe das cifras astronômicas de craques como Ronaldinho e Bebeto. Nunca receberam uma bola de presente de natal ou as jogadoras aniversário. Jamais protagonizaram jogadas de gênio como as de Pelé. Mas aos poucos, de futebol feminino estão mudando a idéia, muito difundida, de que esse esporte "não é coisa para mulher". (Bochichi, 1996).

Não há dúvidas que o futebol feminino e masculino têm muitas diferenças e que a mais notória é a financeira, os patrocínios, salários e coberturas da mídia e o reconhecimento são bem menores para as mulheres. Numa reportagem intitulada "Mulheres invadem campos de futebol" publicada na *Folha de S. Paulo*, na qual Abbud (1999) afirma-se que "matar a bola no peito, driblar o adversário e marcar um gol não é mais exclusividade do mundo masculino". Ela destaca que o futebol tornou-se uma possibilidade de emprego para mulheres, que podem receber salários entre R\$

500 e R\$ 1.000, valores bastante inferiores aos salários recebidos por jogadores do sexo masculino.

Um bom exemplo dessa diferença entre homens e mulheres é a comparação entre Kátia Silene e Rivaldo feita por Crepaldi (2001) "Ao contrário dos craques do futebol masculino, as jogadoras de futebol não enriquecem tanto com a transferência para o exterior. A atacante é uma das quatro titulares da seleção brasileira atuando na recém criada liga profissional dos EUA. A jogadora deixou o São Paulo Futebol Clube -SP para defender o Bay Area Cyber Rays time Californiano. Com a mudança, seu salário deu um salto de 4.000 para 25.000 reais. Nada mau, mas nem chega perto dos milhões embolsados por Rivaldo..."

Outro exemplo é da também jogadora da seleção brasileira terceiro lugar na última copa e nossa representante em Sydney, Sissi. A autora Crepaldi(2001) lembra que a nossa artilheira, voltou ao Brasil e continuou tendo que jogar futebol de salão para completar seu salário de R\$ 4.000 por mês, considerado um salário alto nessa área pois nem metade das jogadoras ganham isso.

Em entrevista ao site Boa de Bola o técnico de futebol feminino Antônio Sérgio Barcellos(2001) responde o que na opinião dele deveria ser feito para a evolução do futebol feminino: " Um primeiro passo, já foi dado com o campeonato Paulista deste ano, agora cabe aos organizadores avaliar os pontos positivos e negativos da competição e procurar pessoas que vivam o dia a dia do futebol feminino para um fórum de debates, aonde os técnicos e dirigentes procurassem adaptar suas jogadoras para os novos padrões, bem como opinar quanto a critérios a serem utilizados nas próximas competições."

Para Dema, técnico do Santa Isabel (time de futebol feminino) o patrocínio pode salvar o futebol feminino, principalmente a TV. Dema afirma: "Isso irá atrair torcedores e fará muito sucesso, se não chegar a empatar

com o masculino vai chegar perto. Pois o torcedor além de ver garotas bonitas quer ver futebol de qualidade também!”

Bochichi(1996) mostra o contraste que existe com relação ao Estados Unidos ,onde há uma política de valorização da atleta num esporte considerado como o mais característico do século 21. A autora cita até que o salário nos EUA, já está próximo ao valor do salário masculino que chegaria a atingir \$ 130,000 em 2000.

O investimento financeiro, como em qualquer esporte, faz grande diferença, todos os esportes precisam de dinheiro para evoluir e poder gerar mais dinheiro. O pequeno incentivo financeiro dado ao futebol feminino quando comparado ao masculino colabora para que o esporte não seja tão popular pois quando não há dinheiro envolvido não há atenção da imprensa nem interesse de mais patrocinadores, portanto o esporte não evolui.

2.3 FUTEBOL FEMININO PERANTE A SOCIEDADE

2.3.1 O futebol feminino luta por seu lugar

O futebol feminino deve vencer barreiras para se estabilizar na sociedade pois, aqui no Brasil, começou muito tarde e ainda precisa conquistar seu espaço.

Bochichi(1996)relata que em agosto de 1959, algumas atrizes do teatro de revista,como Dercy Gonçalves e Marly Marley vestiram calções e camisas e foram jogar futebol em benefício da casa do ator. Nesta época futebol feminino no Brasil era somente brincadeira ou jogo beneficente.

Em 1983, segundo Bochichi(1996), o Conselho Nacional de Desportos decidiu reconhecer e baixar normas básicas para a prática do esporte entre as mulheres. As mulheres eram proibidas de jogar futebol durante o regime militar e só puderam voltar a jogar em 1981,

quando também a FIFA formou uma comissão para estudar o assunto, enquanto isso a União Européia de Futebol (UEFA) já tinha um regulamento pronto. As regras eram um pouco diferentes :a bola era menor e mais leve,o campo poderia ter dimensões normais, mas a Fifa recomendava campos de 90 x 54 metros, as partidas tinham duração de 90 minutos: dois tempos de 45 minutos e intervalo de 15 a 20 minutos e só poderiam jogar futebol meninas acima de 14 anos e cada time tinha duas categorias: juvenil , de 14 a 18 anos, e adulto, acima desta idade.

O futebol feminino no Brasil teve seu momento nos anos 80. O time carioca Radar conquistou em 1982,o Women's Cup of Spain, derrotando as seleções da Espanha, Portugal e França. A vitória estimulou o nascimento de novos times e , em1987, a CBF já havia cadastrado 2 mil clubes e 40 mil jogadoras. Em 1983 o Rio organizou o primeiro Campeonato Estadual e a primeira seleção nacional conquistou o terceiro lugar no inédito Mundial da China. Novamente em 1991, os dirigentes voltaram a procurar jogadoras para formar uma seleção para um novo mundial na China. Nessa época, o regulamento já era o mesmo do futebol masculino. Com a entrada do esporte nos Jogos Olímpicos, o Brasil de novo, correu atrás do prejuízo. Formou uma seleção e fez uma preparação em Águas de Lindóia, no interior paulista, que incluía uma série de amistosos e as meninas desembarcaram nos Estados Unidos com a garra de vestir a mesma camisa da seleção tetracampeã mundial. Não trouxeram medalhas - conseguiram apenas o quarto lugar, mas reacenderam a chama do esporte nos corações femininos. (Bochichi,1996).

Atualmente o esporte conquistou um pequeno lugar na mídia pelo menos quando há competições onde a seleção Brasileira está disputando.

2.3.2 Visão da sociedade

A sociedade brasileira ainda encara a mulher atleta de

forma preconceituosa, Knijnik(2001) cita uma matéria sobre futebol feminino da folha de São Paulo no caderno de esportes do dia 16 de setembro de 2001, com o título de “FPF institui jogadora-objeto no Paulista” na reportagem a federação paulista demonstração de preocupação em dinamizar o futebol feminino, mas tendo como ato principal para esse objetivo o “embelezamento” das atletas para, segundo o presidente da federação Eduardo José Farah unir a imagem do futebol à feminilidade.

Knijnik(1997) informa que todo o processo de busca de atletas realizado pela federação está baseado na seleção pela beleza das atletas, inclusive o autor relata :

“... os cartazes e panfletos divulgando testes de seleção para os diversos times que disputarão o campeonato, estampam uma famosa modelo trajando uniformes esportivos, e convocando moças entre 17 e 23 anos a participarem dos processos seletivos. A mensagem é bem clara: a campanha quer mostrar que é possível jogar futebol e possuir características femininas. Aliás, são os próprios dirigentes que ressaltam que "teremos um campeonato tecnicamente bom, e bonito".

Ainda há declarações como a do técnico Antônio Sérgio Barcellos professor de futebol no Centro Olímpico de São Paulo; e diretor do Departamento Feminino da CBF Society que apóia decisões desse tipo “ A disciplina das jogadoras, aliadas ao charme e a beleza proporcionam um bom espetáculo para quem curte o futebol feminino.”

O mais decepcionante é que essa atitude não é tão incomum, o próprio Knijnik, relata que houve um fato parecido no Arizona, EUA, com relação a um time de softball, a ordem da relação das capacidades para escolha das atletas eram em primeiro lugar, analisar o caráter, em segundo o charme feminino e por último as habilidades das meninas.

“...as mulheres, até os dias de hoje, ainda devem se submeter a padrões absolutamente desvinculados das suas necessidades atléticas, caso queiram se manter ativas dentro do esporte. Afinal das contas, por quais motivos estas atletas precisam corresponder a ideais de beleza para integrar equipes de futebol? E quem julga estes padrões de beleza? Admire-se ou não o futebol do Rivaldo, goste-se ou não do estilo de jogo do Juninho Paulista, ambos atletas de nossa seleção nacional masculina, será que os nossos técnicos pensam em 'embelezar' a equipe brasileira ao convocá-los? Ou pensam em melhorar técnica e taticamente a equipe, em torná-la cada vez mais competitiva? A resposta é absolutamente óbvia, e toda a imprensa, torcida, dirigentes e comentaristas, querem sempre que os melhores atletas, independente de seu 'sex appeal', estejam em campo. “ (Knijnik,1997)

Knijnik defendendo ainda sua posição, lembra que se os homens não precisam passar por esse tipo de seleção de beleza, porque as mulheres para jogar o mesmo esporte têm que mostrar outras características como um belo visual? No caso das mulheres a habilidade com a bola é lucro, não necessariamente uma exigência. Os dirigentes preferem que as meninas correspondam as suas preferências estéticas pois aparecerão na mídia, e esta visibilidade, muitas vezes sem relação com as qualidades técnicas da atleta, atrairá novos patrocinadores, favorecendo assim carreiras “esportivas”.

Uma demonstração dessa verdade é o depoimento das atletas como por exemplo: *"Eu me pinto e passo batom, porque beleza é fundamental e ajuda a conseguir patrocínio"* (Carla Moreno – triatleta). As demonstrações do preconceito são tantas que até mesmo jogadoras de futebol conceituadas reclamam, um exemplo é a Sissi: A primeira pergunta que me fazem é se tenho namorado. Para os jogadores essa é uma questão que aparece depois. Porque?". Sissi prefere ver futebol a assistir novela na tv, e corta o cabelo curtinho. "Sexualidade é coisa íntima sobre a qual não tenho que dar satisfação."

Outros depoimentos de atletas mulheres: *"No início, sentia vergonha de fazer musculação. Hoje adoro meus músculos."* (Danielle Zangrando – judoca), *"Gosto de competir com os homens porque eles me estimulam. Eles ficam loucos quando perdem."* (Maurren Higa Maggi – Atletismo). Meg (ex goleira da seleção) – "Na cabeça deles, só homem podia jogar com os pés! O preconceito era ver mulher jogando a bola com o pé, chutando, fazendo embaixadinha. Tanto que, como goleira, eu era quem menos sofria dentro do time. Tinha também a questão da mudança do corpo da mulher. Ninguém aceitava uma mulher musculosa."

Mais uma mostra do machismo e preconceito é a declaração de Barcellos(2001), em entrevista ao site Boa de Bola, a respeito da decisão da federação paulista de futebol de valorizar a "feminilidade" das candidatas à jogadoras de futebol: -" Na minha opinião, usou-se um critério que visava atender á televisão e aos patrocinadores, e que temos que torcer para dar certo. Quanto as meninas, muitas podem se adaptar ao biotipo exigido e tentar novamente no próximo ano. O.B.S. muita gente andou confundindo beleza com feminilidade."

O tratamento diferente que a sociedade dá ao futebol feminino pode ser identificado já na escola, como afirmam Sousa & Altmann (1999) quando lembram que são criadas regras diferenciadas favorecendo as meninas considerando-as menos capazes que os meninos, como por exemplo determinar que um gol só possa ser marcado por uma menina. Teoricamente não seria necessário tomar essa atitude já que o desenvolvimento motor em crianças, pelo menos até a puberdade independe do sexo e o fato de existir superioridade dos meninos se deve ao maior incentivo na prática de esportes. Ladewig (1998).

Bochichi(2000), destaca que o lançamento da *Women's United Soccer Association*, a grande liga do futebol feminino americano será um grande passo para a modalidade, A associação levantou fundos, entre companhias de televisão a cabo, que totalizaram 40 milhões de dólares. Esta primeira grande liga mundial de futebol feminino, que contou com um investimento de cinco milhões de dólares da Time Warner Inc., terá nas redes de televisão a cabo e na Internet as vias da sua promoção, iniciando uma nova era na história do esporte. É importante enfatizar que o universo do futebol feminino não é futebol masculino jogado por mulheres mas sim constitui uma nova modalidade esportiva, com história diferente, de uma nova estética.

A evolução do futebol feminino deve ocorrer baseada na ciência para que tenha consistência , alguns estudos têm valorizado o desenvolvimento científico. É o caso do estudo onde se compara a tomada de decisões entre brasileiras e americanas, treinadas e destreinadas para identificar a influência da cultura na prática do futebol. Ladewig (et all 2000), concluiu em seus estudos que as novatas do futebol brasileiro têm resultados similares às jogadoras experientes nos três testes efetuados, teste de conhecimento, teste de tomada de decisão e nos testes de chute, e têm resultados superiores às americanas.

Outro estudo efetuado por Ladewig (1998) concluiu que as novatas brasileiras do futebol obtiveram excelentes resultados nos testes que mediram conhecimento na modalidade. As meninas chegaram a superar, inclusive, as marcas dos sujeitos novatos americanos do sexo masculino verificadas em estudos anteriores (Ladewig,1993).

A evolução do futebol feminino ainda depende de muitos fatores mas, se fortalecido o esporte com estudos científicos, ganhará mais credibilidade e o restante será consequência.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo que tem por objetivo comparar a evolução do futebol feminino e masculino, utilizou-se de uma revisão de literatura através de artigos e livros referentes a comparação fisiológica, cultural entre homens e mulheres e as diferenças no futebol para ambos os sexos .

4. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Atualmente muitos estudos têm se dedicado a analisar o desempenho do sexo feminino nos esportes em geral. A maioria evidencia o fato da mulher não alcançar os mesmos níveis técnicos do homem. É claro que devemos considerar as diferenças fisiológicas entre ambos os sexos mas isso não justificaria o fato do esporte ser menos interessante quando praticado por mulheres já que são capazes de atingir altas performances.

O motivo do futebol ser tão popular no Brasil, provavelmente seja pela facilidade da prática deste esporte, tanto nas regras quanto no espaço e equipamentos exigidos. As regras são fáceis de se compreender comparadas com os outros esportes e pode ser praticado em qualquer lugar e o único material obrigatório é a bola. (Daolio,1998)

Mesmo com toda essa facilidade e toda a popularidade do futebol, essa modalidade ainda é incomum para as mulheres não porque elas não considerem uma boa prática mas porque desde crianças elas ouviam que é um esporte muito masculino.As meninas da atualidade têm mais liberdade para essa prática e o número de jogadoras tem crescido, mas infelizmente o incentivo dado às atletas não tem acompanhado esse crescimento. A mídia, os clubes, as federações e a população, com algumas exceções, ainda ignoram a importância desta atividade.

As diferenças de incentivo desde a infância podem significar muito para o atraso que existe no futebol feminino, já que os estudos em que está baseado este trabalho demonstraram não haver diferenças fisiológicas muito significativas entre homens e mulheres que influenciem na performance no futebol.

Espero com esse trabalho conscientizar da necessidade de incentivarmos, na posição de profissionais do esporte, o futebol feminino valorizando nossas atletas, principalmente porque as mulheres que nos estão representando hoje estão lutando a tempo demais por reconhecimento do esporte e de sua atuação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBUD, L. R. **Mulheres invadem campos de futebol**. Classificados de empregos, p. 8. *Folha de S. Paulo*, 7/2/1999.
- ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física**. Dissertação de mestrado em educação. Belo Horizonte: UFMG, 1998, 111p.
- BOCHICHI, R. A **cara nova do esporte**, *In: ESTADAO*, 2000
<http://www.estado.estadao.com.m>
- _____, **Futebol agora é "coisa de mulher"**, *In: ESTADAO*, 1996
<http://www.estado.estadao.com.m>
- _____, **Futebol feminino luta para se tornar uma paixão nacional**, *In: ESTADAO*, 1996 <http://www.estado.estadao.com.m>
- BORDO, S. R. **O corpo e a reprodução da feminilidade: Uma apropriação feminista de Foucault**. *In: JACAR*, Alison e BORDO, Suzan, R. **Gênero, corpo e conhecimento**. Trad. Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record e Roda dos Tempos, 1997, pp. 19-41. (Coleção Gênero, v. 1)
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. *Educação e Realidade*, v. 20, nº 2. Porto Alegre, jul./dez. 1995, pp. 133-184.
- BORGES, K. F. **A mulher e o desporto de auto rendimento sob uma visão fisiológica**. Curitiba, 1996. 22p. Monografia de conclusão de curso de licenciatura em Educação Física, UFPR.
- BRASIL. Deliberação 10/79 do CND. **Baixa instruções às entidades**

esportivas do país, para prática de desportos para as mulheres.

Diário Oficial, Brasília, 31 dez. 1979. Seção 1, p. 20.220.

_____. Deliberação 01, de 25 mar. 1983. **Dispõe sobre normas básicas para prática de futebol feminino.** *Diário Oficial*, Brasília, 11 de abr. 1983. Seção 1, p. 5.794.

_____. Lei 9.394/96 de 20 de dez. 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.**

CARNNAVAL,P. **Musculação Aplicada.** Rio de Janeiro: Sprint,1995.

CONNEL, R. W. **Como teorizar o patriarcado?** *Educação e Realidade*, v. 15, nº 2. Porto Alegre, jul./dez. 1990, pp. 85-93. Número Especial Mulher e Educação.

CREPALDI,J. [www. Boa de bola.com.Br](http://www.boadebola.com.br),2001

<http://orbita.starmedia.com/~julinha2/quemsomos.htm>

DAOLIO,J. **As contradições do futebol Brasileiro.** Educación Física y Deportes. ano3, Nº 10. Buenos Aires. 1998

<http://www.efdeportes.com>

FERNANDES, R.I. **A prática do futebol feminino: Mito ou realidade?** Curitiba,1996. 32p. Monografia de conclusão do curso de Educação Física,UFPR.

FERREIRA, M., BÖHME, M.T.S. **Diferenças sexuais no desempenho motor de crianças: influência da adiposidade corporal.**Revista paulista de educação física. São Paulo,S/D

GANONG, W. F. **Fisiologia médica.** São Paulo: Atheneu,1973.

GHORAYEB,N. A mulher atleta.In:_____ **O Exercício.** p.375

GODIK. M.A. **Futebol, preparação dos futebolistas de alto nível.** Rio de

Janeiro: Grupo Palestra Sport,1996

GOMES, E. M. de P. **Atividades físico-desportivas de mulheres da elite carioca (1860 a 1930)**. Dissertação de mestrado em educação física.

Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, 120p.

GRIFFIN, L. Y. Women in sports. In _____ **Sports Medicine - Principles of primary care**. St. Louis, Missouri: Mosby, 1997p.86-94

HOLLMANN,W.& HETTINGER,Th. **Medicina do Esporte**.São Paulo: Manole,1989.

KLAFS,C.E.,LYON,M.J. **A mulher atleta: guia de condicionamento e treinamento físico**. trad. Nelson Gomes Bittencourt. 2ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.

KNIJNIK, J. D. **Revista Digital** - Buenos Aires - Año 7 - N° 42 –

Novembro de 2001 [http:// www.efdesportes.com/](http://www.efdesportes.com/)

KUNZ, M. do C. S. **Quando a diferença é mito: Uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da educação física**. Dissertação de mestrado em educação. Florianópolis: UFSC, 1993, 167pp.

LADEWIG, I. **Desenvolvimento Motor**. Apostila desenvolvida para o curso de Educação Física da UFPR. 74p,1998.

_____ et alli. **Análise dos processos cognitivos e motores em sujeitos do sexo feminino no futebol**. Trabalho apresentado no IV Congresso Latino-americano. ICHPER.SD. Quito-Ecuador:julho,1998.

_____, **Cultural Influences on the Development of Soccer Knowledge Base of Brazilian Females**. Trabalho apresentado na NASPSPA. Journal of Sport & Exercise Psychology,vol 22, San Diego,2000.

_____,MARTINS, D.F., CAMPOS,W., CUTHMA,C.R. **Soccer decision making: Cross cultural differences among Brazilian and American**

females. Trabalho a ser apresentado na NASPSPA, Baltimore: junho de 2002.

LOURO, G. L. **Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero.** *Teoria e Educação*, nº 6. Porto Alegre, 1992, pp. 53-67.

_____. **Gênero, sexualidade e educação; uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

MARTINS, D.F. **A influência cultural na tomada de decisão no futebol.** trabalho apresentado no 7º EVINCI (Evento de iniciação científica da UFPR). Anais, vol. 1. Curitiba, setembro, 1999.

MONTEIRO, W. D. **Força muscular: uma abordagem fisiológica em função do sexo, idade e treinamento.** *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*. Vol.2, Nº 2, p.50-66, 1997.

SCOTT, J. **Deconstructing equality versus difference: Or the uses of poststructuralist theory for feminism.** *Feminist Studies*, v. 14 nº 1, 1988, pp. 33-49

SMITH, L. et Alii. **Cinesiologia Clínica Brunnstrom.** Ed., São Paulo: Manole, 1997.

SOUSA, E.S & ALTMANN, H. **Meninos e meninas: Expectativas Corporais e Implicações na Educação Física Escolar.** Cad. CEDES v.19 n.48 Campinas ago. 1999

WEINECK, J. **Biologia do esporte.** São Paulo: Manole Ltda, 1991